



Vasco Rosa

Centenário de João Afonso, V A «Rosa do Mundo» aditada

Um dia, por certo, para justiça justa e elucidação pública, se falará de quem como e porquê travou ou bloqueou a edição, nos Açores, da obra de Pedro da Silveira desde 1986. O assunto, por desagradável que seja, é esclarecedor de uma condição cultural iludida, capaz de abandonar valores dos tempos idos, e da fragilidade dos meios editoriais da região, incapazes de prover reedições contínuas dos autores destas ilhas, enfraquecendo a consciência — e o benefício — das gerações vindouras. Uma política cultural digna do nome atende sempre a isto, independentemente do partido no poder, mas aos escritores de cada aqui e agora também compete zelar pelo património literário pretérito, de que, afinal, também eles um dia farão parte...

O caso da antologia de tradução poética *Mesa de Amigos* de Pedro da Silveira é bem paradigmático de situações deste tipo. Publicada pela DRAC em 1986, como primeiro título duma colecção de livros do escritor florentino, tinha o *interesse adicional* de dar primazia a esta outra forma de criação literária, que ele iniciara pelos anos 50, cedendo a jornais um ou outro poema de pares estrangeiros, de Rimbaud a Neruda e outros. O leque de autores traduzidos apontava e esclarecia a vastidão geográfica da sua curiosidade literária — de ilhéu ultraperiférico, poderia acrescentar-se sem favor —, um labor sem finalidade precisa ou imediata, mas bastante indicativo da sua profunda pertença a uma comunidade global e de raízes muito antigas.

A quebra do compromisso público de publicar a obra de Pedro da Silveira, em vida do escritor, não incomodou quem a decidiu nem tão-pouco beliscou quem a ela assistiu com cúmplice indiferença durante duas décadas, a que a proximidade e a ocasião dos 100 anos do nascimento (*Fui ao Mar Buscar Laranjas*, 2019; Edição do Centenário, 2022-23) vieram pôr cobro, parcial ou totalmente — ainda se verá! Não admira, por isso, que a *única* notícia na imprensa açoriana da publicação de *Mesa de Amigos* pela Assírio & Alvim tenha sido feita pelo fiel amigo João Dias Afonso, um bibliotecário e poeta (também ele tradutor de poesia)... de 79 anos!!

Evidente caso para se perguntar onde estariam, afinal, todos os outros...

Vasco Rosa

Mesa (re)posta de Amigos

Agora, e a partir de Lisboa, voltam a ser fornecidas ao país, desta feita pela editora Assírio & Alvim, e com o título, há anos assente, de *Mesa de Amigos*, as versões de Poesia que Pedro da Silveira viu (em 1986) expandidas nos Açores pela Direcção Regional dos Assuntos Culturais (assim designada ao tempo).

Retomam lugar e expansão essas traduções. Reachegam-se em Mesa (re)-posta.

O autor açoriano, ele mesmo poeta de obra feita e tão bem feita quanto apontada e reconhecida, ter-se-á dado conta, com a edição de há 16 anos, de que valeu a pena o labor das suas traduções em letra redonda floreada em tempo ido.

Terá, pela certa, sentido (e bem) o quente clima de festival que rodeou (pelo menos por estes lados), o primeiro surgimento, logo assinalado dos produtos que foram os de tradutor sem pressas pelo tempo necessário a um cúmulo de obra. Fora ele preparando para o português o que, de subida perspectiva e conteúdos poéticos, sinalizava efectiva projecção (tempo e espaço) pela Poesia expressa em várias línguas.

A indicada Assírio & Alvim, quando do passar a novo milénio, quis proporcionar ao país, por muito alentado e volumoso tomo, *Rosa do Mundo: 2001 Poemas para o Futuro*. Se em quantidade era bastante (rondava as 2000 páginas), também em qualidade essa Rosa do Mundo correspondia ao que nitidamente se poderia percorrer, em Poesia advinda, desde épocas quase que imemoriais à actualidade, e que a leitura universal fora ganhando.

Hoje, a editora, ao desencantar *Mesa de Amigos*, procede a um aditamento indispensável a essa *Rosa do Mundo*...

Promete, e mais uma vez patentemente bem efectivada, a presença do trato da Poesia pelo poeta de *A Ilha e o Mundo*, o tradutor, artista que o é também na prosa (género e estilo). Está-se com o Pedro da Silveira, o mesmo que, ainda agora já o octogenário, se entrega, e compraz, a redobradas ocupações literárias e se interna nos impulsos, seus e exigentes, a jovens talentos notados pela renovação e inovação.

Mesa de Amigos está reavida e, ao ser reavida, antecede-a uma *Notícia* explicativa, cujo conteúdo só aparentemente... noticioso serve à história literária que muito convém. No todo e em cada componente, não se dispensa tão bem servida tábua atalhada a pano fino. Até o livro se oferece como objecto em que a Arte (na capa) se ilumina pela reprodução de um fresco de Pompeia preparatória da inspiração do leitor, precedentemente munido de *Rosa do Mundo* por

demais preenchida. O que nesta faltou, acha-se no conjunto selectivo de Pedro da Silveira, o tradutor.



São, em *Mesa de Amigos*, umas 70 composições poéticas, com origem umas de longínquos tempos e lugares (por exemplo, China no século III), as outras já próximas da actualidade e quase de agora. Entre estas ficam-se as de Espanha (incluindo Galiza e Catalunha), Itália, França, Sul da América — Nicarágua, Uruguai, Colômbia, Chile e Argentina —, e ainda Suíça e Egipto, assim como ilhas (Canárias e Sicília).

Por tanto que é: um plétórico meio mapa-múndi de magnífica «Documenta Poética» [é o título da colecção], agora reaparecida em seus favorecimentos a quem sabe ou pretende ser de real leitura. *Mesa de Amigos*, nas suas promessas, é mesa saudável na gastronomia poética. Documento, portanto.

Quanto ao Pedro da Silveira tradutor, não deixa ele sequer (na consciência estudiosa das dificuldades de cada versão e de todas as versões) de aludir, na sua *Notícia*, de que, em operando Poesia a partir de outros, fez ainda mais obra de *traditore* que de *traduttore*. Questão é de honrado escrupulo, porque o resultado das versões fala pelos autores dos originais e, por ele, a traduzir, também fala eloquentemente.¹

E já agora — em tempo ainda —, recorde-se que foi em Angra, frequentando a Biblioteca Municipal, depois em Ponta Delgada (pelos jornais), que Pedro da Silveira, preparando-se a ler e reler, começou nas Belas Letras, servindo-as desde logo, bem cedo de idade, e a servir-se aplicadamente — e com o poder de robusta memória — de quantos livros compulsava em termos positivos de cultura.

Este *rapaz* que ainda o é, embora curvado pelo peso dos anos, porém de íntegra cerviz, permanece a um modo seu, tão pessoal, quanto em Lisboa, quanto na ilha das Flores natural, quanto por aqui e por além, sempre ou estimadamente ouvido ou só escutado, sem perder palavra onde é ela precisa ou onde, entende, ser necessária. Tudo, como ainda há pouco na Nova Inglaterra e na Califórnia. É o Pedro da Silveira, admirador em pleno dos seus conterrâneos Mesquitas e Alfred Lewis, como de tantos poetas e prosadores do mundo em fora.

Pois é, até mesmo quando — a propósito de Antero traduzido para chinês (algo que me foi dado trazer a este mesmo jornal) — viria a admitir que talvez o tradutor do poeta Antero tenha sido o então director da Biblioteca Nacional de Macau Luís Gonzaga Gomes [1907-76], seu parente por afinidade, a quem eu próprio também segui e a quem talvez eu pudesse ter sucedido no cargo, lá tão longe no Oriente... Mas fiquemos-nos por esta Mesa (Re)posta de Amigos, juntando outro breve mas significativo dado, o de que Jorge de Sena, de costela açoriana, foi como Antero passado a chinês pelo seu *O Físico Prodigioso*.

Falta trazer à colação que a sua ilha natal, as Flores, o rodeou neste ano dos seus oitenta, aliás o ano em que também lhe demonstraram apreço público em comunidades açorianas da Nova Inglaterra e da Califórnia.

É assim: Mesa (Re)posta de Amigos, graças ao Pedro e àquele outro editor.

João Afonso

A União, Angra do Heroísmo, 31 de Outubro de 2002, p. 8.
Muito provavelmente, o último artigo sobre Pedro da Silveira publicado nos Açores, antes da sua morte a 13 de Abril de 2003.

¹ O posfácio a *Mesa de Amigos* (Assírio & Alvim, 2002) foi incluído na 2.ª edição IAC de *Fui ao Mar Buscar Laranjas* (Poesia Reunida, 2022, pp. 383-88), desta forma integrando — pela primeira vez — a tradução de poesia no seu próprio trabalho poético.